

A LÍNGUA PORTUGUESA E O NASCIMENTO DO VERNÁCULO BRASILEIRO

Gabriela Souto Alves
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria- RS

Resumo: Nesse artigo será trabalhado, com base na história das ideias linguísticas, o vernáculo brasileiro: seu nascimento quanto às especificidades de língua que o perfazem e como é resignificá-lo através do tempo. Objetiva-se conjecturar como, a partir do nascimento do senso de vernáculo brasileiro historicamente, é possível resignificá-lo em meio aos desafios contemporâneos, considerando-se o fato de que tal vernaculismo é resultado de um processo colonizador. Para alcançar esse fim, é feita uma abordagem teórica com autores, como Auroux, Orlandi, Guimarães e Ilari que discorrem sobre história das ideias linguísticas, língua portuguesa e língua portuguesa no Brasil. O caso brasileiro apresenta peculiaridades em relação ao vernáculo, pois tal conceito deriva da colonização e do deslocamento da língua para um território diferente e só então há uma historicização dessa, acompanhada de todo um processo de gramatização (ORLANDI, 2002). Ao final, o trabalho espera contribuir para a questão do delineamento dinâmico a respeito do vernáculo brasileiro, para que seja possível resignificá-lo contemporaneamente.

Palavras-chave: História das ideias linguísticas. Língua. Brasil. Vernáculo

Abstract: In this article will be working, based on the history of linguistics ideas, the Brazilian vernacular: his birth regarding the specific language that adds up and how can reframe it through time. Objective is to conjecture how, from the birth of a sense of vernacular Brazilian historically, it is possible reframe it in the midst of contemporary challenges, considering the fact that such vernacularism is the result of a colonization process. To achieve this end, there is a theoretical approach with authors like Auroux, Orlandi, Guimarães and Ilari, who talk about history of linguistics ideas, Portuguese and Portuguese in Brazil. The Brazilian case has peculiarities in relation to the vernacular, because such concept derives from colonization and displacement of the language to a different territory, and then there is this historicization, accompanied by a process of grammatization (ORLANDI, 2002). At the end, the work hopes to contribute to the issue of dynamic design about the Brazilian vernacular, so that you can reframe it contemporaneously.

Keywords: History of linguistics ideas. Language. Brazil. Vernacular

Introdução

A temática desse estudo é parte de uma discussão maior que trata da relação língua/identidade coletiva na historicização do Brasil, investigada, principalmente, por meio de publicações impressas. Estuda-se de que forma se dá a documentação/atualização do vernáculo brasileiro na contemporaneidade. Neste artigo, será trabalhado, com base na história das ideias linguísticas, o vernáculo brasileiro como acontecimento: o seu nascimento, algumas especificidades da língua que o perfazem e como é resignificá-lo através do tempo.

Por conta da redefinição exigida do sujeito contemporâneo do ocidente, que reacentua a individualidade em detrimento de padrões coletivos (DUFOUR, 2003), documentar o vernáculo na atualidade já é um desafio. O delineamento do vernáculo brasileiro, contudo, constitui um duplo desafio: além das questões ocidentais atuais, há o fato de o senso vernacular brasileiro ligar-se à língua portuguesa, ou seja, língua, *a priori*, do outro.

Como o vernáculo é, nesse trabalho, primordialmente abordado pela questão da língua, opta-se por um estudo na área da história das ideias linguísticas, que trata do conhecimento que, ao longo do tempo, foi construído sobre a linguagem e os seus objetos de representação. O caso brasileiro apresenta particularidades em relação ao vernáculo, pois tal conceito, nesse caso, deriva da colonização e do deslocamento da língua para um território diferente e só então há uma historicização desta, acompanhada de um processo de gramaticização. (ORLANDI, 2002).

O fato de o vernáculo brasileiro já ser um relevante tema antes mesmo dos desafios ocidentais hodiernos indica que, sendo inicialmente a língua oficial a portuguesa, e não a brasileira, o vernaculismo do Brasil constrói-se posteriormente à organização política do país. A especificidade desse artigo é trazer a dinamicidade de delineamento do vernáculo para funcionar na contemporaneidade.

Os discursos/ideias que compõem o senso de brasilidade resultam de um processo mais complexo que a transposição do idioma lusitano para terras americanas. Objetiva-se conjecturar como, a partir do nascimento do senso de vernáculo brasileiro historicamente, é possível resignificá-lo em meio aos desafios contemporâneos, considerando-se o fato de que tal vernaculismo é resultado do todo de uma ação colonizadora. Para alcançar esse fim, far-

se-á uma abordagem teórica com autores que mobilizam o tema língua ao tratarem de história das ideias, língua portuguesa e língua portuguesa no Brasil, contribuindo, assim, para compreender o modo como as instituições vernaculares se constituem e se resignificam hoje.

Primeiro, será feita a retomada que como a língua portuguesa chega ao Brasil e, posteriormente, torna-se a língua dos brasileiros. Após, será discutir-se-á a questão da história das ideias, para tratar dos instrumentos linguísticos de circulação e ensino de língua e sua importância para o nascimento do vernáculo e da identidade nacional. Por fim, serão marcadas as especificidades que perfazem a noção de brasileirismo.

1. De Portugal ao Brasil

Na Europa, durante o Renascimento, no domínio dos saberes linguísticos, ocorre uma espécie de macroacontecimento com estrutura complexa. Não há comparação, se pensada em outras culturas. Auroux aponta que, no início, quando os vernáculos europeus eram sistematicamente gramaticizados, eles o eram na base de uma orientação prática que se definiu muito lentamente, a partir das artes da tradição greco-latina: “[...] uma gramática pode ter por finalidade a aprendizagem de línguas estrangeiras”.

Nesse contexto, os contatos linguísticos se tornaram um dos elementos determinantes dos saberes linguísticos codificados e as gramáticas se tornaram as peças-mestras de uma técnica do conhecimento das línguas. Em seguida, o desenvolvimento do livro impresso dá a este fenômeno uma difusão incomparável. Enfim, a exploração do planeta, a colonização e a exploração de vários territórios encetam o longo processo de descrição, na base da tecnologia gramatical ocidental, da maior parte das línguas do mundo. (AUROUX, 1992, p. 29).

Tal contexto revela a importância das publicações impressas para a circulação e o ensino de uma língua, o que contribui para o estabelecimento do vernáculo. O empreendimento colonizador dos povos europeus colabora para que essa base se espalhe pelo mundo e o Brasil está incluído nessa expansão. O princípio, de acordo com Guimarães (2005), é com a formação da língua portuguesa: esta se forma como língua específica na Europa, pela diferenciação que o latim sofre na Península Ibérica. Essa nova língua, depois de um longo período de mudanças correspondente ao final da chamada Idade Média, é transportada para o Brasil no momento das grandes navegações do final do século XV e do século XVI.

No Brasil, um país que passou pelo processo de colonização, a questão da nacionalidade, Estado e língua se coloca de maneira distinta em relação aos países que não passaram por tal processo. A possibilidade de ser sujeito no Brasil está estreitamente ligada à política linguística lusitana, uma vez que o país é devedor da língua Portuguesa na origem de sua língua nacional. Conforme indica Orlandi (2008), no século XIX, com a independência, pode-se falar em Estado brasileiro: momento em que a sociedade se organiza e surge o trabalho intelectual (escrito, impresso) que dá visibilidade e confere memória à língua. E esta língua de Estado, ainda segundo a referida autora, não será uma língua nova, mas um propósito da indiferença pela alheia, criando uma utilidade nova e um delicado matiz que a língua europeia não possuía: nosso vernaculismo. Antes a vernacularidade era só dos portugueses.

Uma marca importante do português no território brasileiro é o fato de essa língua conviver, em seus períodos iniciais, com as línguas indígenas, com as línguas gerais (as línguas do contato entre índios de diferentes tribos, entre índios e portugueses e seus descendentes) e as línguas africanas. Além disso, os portugueses que vinham para o Brasil não vinham da mesma região de Portugal, ampliando as variações e a possibilidade de contato entre as línguas. No entanto, procura-se equalizar isso com medidas diretas e indiretas que levam ao declínio das línguas gerais, bem como com a oficialização da língua portuguesa no e do Brasil. (GUIMARÃES, 2005).

A língua nacional aparece como um discurso que faz parte da caracterização do que é ser brasileiro. Portanto, pode-se pensar o nacionalismo também como resultado de uma fase de identificação, de conhecimento de uma coletividade, o que se dá, primordialmente, por uma língua pela qual todos se significam. A ideia do todo brasileiro resulta do empreendimento lusitano. A língua, pretensamente nacional, que administra essas relações, representa antes um movimento político e ideológico, no qual há uma língua que assume essa condição de nacional por ser politicamente dominante. Ao assumir tal condição, ela assume também papel basilar no vernaculismo brasileiro, já que significa, projeta sentido ao todo.

Até meados da República, a língua de referência era o português de Portugal. O português brasileiro acontece como um importante passo para a descolonização, crescendo em importância pelas condições de produção e sendo determinante para a construção da noção de brasileiro. Com isso, Orlandi (2002) afirma que, se o brasileiro observa sua história através do

discurso europeu, uma abordagem crítica deve lhe permitir atingir o lugar da produção desses efeitos de sentido para que ele possa compreender o deslocamento que preside a produção de sua identidade.

2. História das ideias linguísticas

Somente há história da língua se a estrutura sociológica da coletividade e a sua evolução são levadas em conta. A história das ideias linguísticas trabalha com a história não só enquanto cronologia, mas como constitutiva do objeto. Essa área do conhecimento lida com técnicas de instrumentos na linguagem (dicionários, gramáticas) que mobilizam língua para a produção do conhecimento. (AUROUX, 1992).

Há, desse modo, um acontecimento que instaura o tempo da relação entre o que é projeção e o que é retrospectão e são necessários três pontos: o fenômeno (objeto), o fato epistemológico (conhecimento, ideia nova construída), o histórico (método) (AUROUX, 1992). Esse trabalho marca a língua/ linguagem como acontecimento para o estudo do nascimento do vernáculo brasileiro. Trata-se de estudar a história pela língua, e não a língua pela história; e, aqui, é dado àquela o lugar de maior instrumento de identidade de uma nação.

Quanto às línguas nacionais, correspondem a nações politicamente independentes e, assim, gramaticizam-se. Tal ato ocorre para organizar, em uma norma também escrita, uma língua que já é falada e há um espaço de circulação e de poder muito grande quando a língua consegue passar para o estágio de texto mais completo. A grande questão da história das ideias no Brasil é “[...] quando os brasileiros tomaram para si a língua portuguesa como língua nacional do Brasil; como, quando a língua se constitui, ela significa na história.” (ORLANDI, 2002), e isso passa pela escrita e o poder de organização que a mesma imprime à língua.

2.1. Instrumentos linguísticos: a escrita no Brasil

Para tratar desses instrumentos, ou representações linguísticas, o limiar da escrita é fundamental, uma vez que “[...] qualquer que seja a cultura, reencontramos sempre os elementos de uma passagem do epilinguístico ao metalinguístico.” (AUROUX, 1992, p. 18). Conforme o mesmo autor, o aparecimento da escrita é um processo de objetivação da linguagem, de representação metalinguística considerável e sem equivalente anterior. A

linguagem precisa do aparecimento de técnicas autônomas e inteiramente artificiais. O que imprimirá grande mudança à linguagem é a escrita. Porém, como se institucionaliza a relação dos sujeitos com a língua?

Os instrumentos linguísticos, pensados como artefatos pedagógico, permitem o questionamento sobre o modo como este inscreve o sujeito na vida social, em relações pelas quais ele se identifica com seu grupo social, como sujeito de um Estado, de um país, de uma nação. (ORLANDI, 2002, p.17).

Quanto ao Brasil, Portugal trouxe a língua portuguesa, mas esta se historicizou de maneira diferente no país, incorporando imagens que se tornaram constitutivas da identidade social brasileira. A partir do século XVIII, a Coroa Portuguesa demonstrou, de forma consistente, interesse pela situação linguística do Brasil. Esse cuidado começa a se efetivar por meio da carta régia de 12 de setembro de 1727, na qual o rei D. João V determina ao Superior dos religiosos da Companhia de Jesus, no Maranhão que, para proveito da Coroa e dos habitantes do estado do Maranhão, a língua portuguesa seja ensinada aos índios (DIAS, 1996). Ainda, com a descoberta de minas de ouro, aumenta o interesse pelo Brasil, e a acentuada influência dos jesuítas na Colônia começa a incomodar a Corte de Portugal.

O quadro descrito favoreceu, em 1757, a legislação de autoria de Marquês de Pombal expulsando os jesuítas da colônia e determinando o ensino da língua portuguesa.

[...] será um dos principais cuidados dos Diretórios estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum, que meninos, meninas, que pertencem às escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem língua própria nas suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma em que S.M tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína espiritual e temporal do Estado. (LEI DO DIRETÓRIO, DE 3 DE MAIO DE 1757. apud DIAS, 1996, p.11)

Com isso, oficializou-se, de maneira centralizadora, o ensino da língua portuguesa, parte importante na questão da língua para o Brasil, já que esta adquiriu sentidos diferentes para brasileiros e portugueses. Eduardo Guimarães (2005) afirma que, com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, inicia-se um momento inédito do português no país, visto que um dos efeitos dessa vinda é a transformação do Rio de Janeiro em capital do Império,

o que traz novos aspectos para as relações sociais em território brasileiro, incluindo também a questão da língua. Logo de início, Dom João VI criou a imprensa no Brasil e fundou a Biblioteca Nacional, mudando o quadro da vida cultural brasileira e dando à língua portuguesa aqui um instrumento direto de circulação e retenção, a imprensa. Esses fatos, e marcadamente a escrita, produzem um efeito de unidade do português para o Brasil, na condição de língua do rei e da corte. Dessa maneira, cria-se historicamente, no país, o sentido de apropriação do português enquanto língua reguladora do funcionamento cultural que se estabilizava.

Além disso, as gramáticas começam a usar cada vez mais exemplos com a literatura brasileira; nos dicionários do fim do século XIX, indicam-se os brasileirismos, para dizer o que é próprio da língua portuguesa do Brasil, e não da língua mãe. A questão da língua portuguesa no Brasil, que já era língua oficial do Estado, se põe agora como uma forma de transformá-la de língua do colonizador em língua da nação brasileira. (GUIMARÃES, 2005). Os gestos de autoria do fim do século XIX apontam para a busca da identidade nacional: o português brasileiro se estabelece não apenas como uma variação do de Portugal, uma vez que apresenta norma própria. Com isso, o uso mnemônico da escrita e a circulação da mesma colaboram para que a língua portuguesa no Brasil passe a regular as relações oficiais, o que é crucial para a definição vernacular.

2.1.1. Senso vernacular brasileiro

Dado o modo particular como se originou a questão de brasilidade ao longo tempo e do espaço, é inegável a importância que isso assumiu sobre as especificidades que construirão o senso vernacular brasileiro, principalmente em relação à língua. A brasilidade foi sendo construída desde o período da colônia, do contato de múltiplas culturas e línguas, passando até mesmo pela existência de uma língua geral. Segundo Fiorin (2009), no processo de consolidação de uma nacionalidade, é habitual que se eleja um traço de coesão protanacional que faça a nação visível. A identificação simbólica de uma nacionalidade com uma idealização de língua, que se coloca atrás e acima de todas as suas variantes e versões imperfeitas, é muito mais uma criação ideológica de intelectuais nacionalistas do que uma característica dos reais praticantes comuns do idioma.

Há representações que dizem respeito ao vernáculo, com referências à memória e a conhecimentos compartilhados. Essas representações, ou instrumentos e técnicas linguísticas, com a revolução tecnológica da linguagem, ganham variados outros suportes a partir do movimento de nascimento do vernáculo. Como consequência, o delineamento deste se mostra dinâmico, fazendo sentido em outras épocas, atualizando-se. O vernáculo institucionaliza um imaginário de nação calcado em uma equalização da língua e da cultura, por meio dos instrumentos linguísticos.

3. Conclusão

Após meados do século XIX, as questões de sobreposição da língua oficial e da língua nacional tomam espaços importantes tanto na literatura quanto na constituição de um conhecimento brasileiro sobre o português no Brasil. Dessa maneira, institui-se, historicamente, no país, o sentido de apropriação do português enquanto uma língua que tem as marcas de sua relação com as condições brasileiras (GUIMARÃES, 2005). Isso demonstra um vernaculismo brasileiro construído depois da nação e oriundo do senso vernacular de outrem. O sentimento do português como língua do Brasil, dado principalmente pela escrita, por meio de instrumentos de língua, é passo importante para a descolonização e para a fundação de uma coletividade brasileira.

Este trabalho partiu da ideia de que pela história das relações do português com outro espaço de línguas, este, ao funcionar em novas condições e nelas se relacionar com línguas indígenas, língua geral, línguas africanas, modificou-se de modo específico. O trabalho dos gramáticos e lexicógrafos brasileiros do final do século XIX, junto com os escritores, é quanto ao sentimento do português como língua nacional do Brasil (GUMARÃES, 2005), daí a importância da escrita para o vernáculo e seu possível delineamento também na contemporaneidade.

Foi abordado, com base na história das ideias linguísticas, o vernáculo brasileiro como acontecimento, o seu nascimento, as especificidades da língua que o perfazem e como é resignificá-lo através do tempo. O fato de tal tema já ser relevante antes mesmo dos desafios ocidentais hodiernos indica que, sendo inicialmente a língua oficial a portuguesa, e não a brasileira, o vernaculismo do Brasil constrói-se posteriormente à organização política do país.

Conforme discute Ilari (2006), a uniformidade do português brasileiro é em grande parte um mito, para o qual contribuíram certa forma de nacionalismo; visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; e certa insensibilidade para a variação. Todas as línguas estão sujeitas à variação que se dá através do tempo e às diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. Logo, o vernáculo brasileiro, nascido, em grande parte, pela força da língua, também deve ser considerado dinâmico e atualizável, identificado por uma coletividade, mas isso não significa que o interior desta seja uno.

O presente estudo traz a possível dinamicidade de delineamento do vernáculo para funcionar na contemporaneidade, uma vez que os discursos e ideias que compõem o senso de brasilidade resultam de um processo mais complexo que a simples transposição do idioma lusitano para terras americanas. O vernáculo brasileiro, construído, sobretudo, pela força da língua, também deve ser considerado dinâmico e atualizável, identificado por uma coletividade, mas sem que isso signifique que o interior desta seja uno. A disputa entre forças antagonistas, no âmbito dos discursos que sustentam os valores e a cultura brasileiros, indica que o campo envolvido por elas está sempre inacabado, em processo de formação ou deformação. A imposição de uma língua como oficial e a difusão apenas dela na educação e na circulação escrita, como reguladora dos discursos de valores brasileiros, busca centralizar o que é dispersador; já que, fora da idealização, a língua não é uma nem é una. Por outro lado, quanto aos desafios hodiernos, a tradição cultural, até então estabilizada, luta para centralizar o que a contemporaneidade e sua característica desestabilizadora dispersam.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, UNICAMP 1992.

DUFOUR, D-R. *L'Art de réduire les têtes – sur la nouvelle servitude de l'homme libéré à l'ère du capitalisme total*. Paris : Denoel, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e cultura: línguas do Brasil.*, São Paulo, vol.57, nº 2, Abr./Jun. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200015&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 outubro 2011.

ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, Eni P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Língua e nação: uma questão e seu quadro de referência teórico. *Revista Língua e instrumentos linguísticos*. Campinas, nº 23_24, 2008. Páginas 11 – 24. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao23_24/revista_linguas_23%20e%2024.pdf>. Acesso em: 19 outubro 2011.